

# Alterações das Rotas da Seda ao longo do tempo: mudanças climáticas e impérios

## Transformations in the Silk Routes throughout the ages: climatic and empire changes

António de Abreu Freire

CLEPUL, Universidade de Lisboa  
abreufreire@gmail.com  
ORCID: 0000-0003-2319-8665

### RESUMO

Ao longo de mais de vinte séculos, as grandes rotas comerciais entre o oriente e o ocidente mudaram de percurso, adaptando-se às alterações climáticas que provocaram enormes migrações de povos, ao surgimento de poderes locais e de impérios, às alianças políticas e aos conflitos que modificaram a geografia das fronteiras.

A primeira grande mudança da era cristã foi provocada pela migração dos povos hunos, que alcançaram a Gália e a península Itálica quando comandados por Átila, empurrando para ocidente outros povos do centro da Europa. Os mongóis de Genghis Khan dominaram um território que se estendia da China até à Ucrânia; os turcos otomanos controlaram toda a Europa central e todo o espaço que separava o oriente do ocidente.

As navegações dos portugueses abriram uma nova rota, a de uma via marítima que contornava os poderes então estabelecidos, iniciando uma nova era na história do planeta.

### PALAVRAS-CHAVE

Mudanças climáticas, migrações, rotas comerciais, impérios, caravanas, frotas marítimas.

### ABSTRACT

Over more than twenty centuries, the major trade routes between East and West have changed their courses, adapting to climate changes that have brought about the migration of a massive quantity of people, the emergence of local powers and empires, political alliances and conflicts that changed the geography of the borders.

The first great change of the Christian era was caused by the migration of the Hun peoples, who reached Gaul and the Italian peninsula under the leadership of Attila, pushing other tribes from central Europe to the west. Genghis Khan's Mongols dominated a territory that stretched from China to the Ukraine; the Ottoman Turks controlled all of central Europe and all the area that separated east and west.

The Portuguese navigations opened a new route, that of a sea route that bypassed the established powers, starting a new era in the planet's history.

### KEYWORDS

Climate change, migrations, trade routes, empires, caravans, maritime fleets.

No tempo de Alexandre e das suas conquistas (356-323 a.C.) que o levaram até Samarcanda, no atual Uzbequistão e até à Índia, a China não era um império unificado. Alexandre morreu em Babilónia, a 10 de junho de 323 a.C. e a primeira dinastia imperial da China foi a dinastia Qin que teve início em 221 a.C. com Qin Shi Huangdi, o primeiro *augusto imperador* que unificou o imenso território e construiu os primeiros trechos da grande muralha. A dinastia durou apenas quinze anos, mas o império chinês consolidou-se como uma grande nação, um século após a morte de Alexandre, quando a República de Roma já dominava uma parte considerável do Norte de África e, para ocidente, estendia o seu domínio até à península Ibérica. Em várias fases da sua história o território chinês foi dividido e outras tantas vezes unificado. A história da China foi durante muitos séculos desconhecida pelos ocidentais e tudo o que dizia respeito ao povo chinês era divulgado de forma mitológica e fantasiada.

Nos últimos tempos da República Romana, os ocidentais cultos dispunham de poucas referências sobre a China, mesmo se a filosofia de Confúcio já fosse conhecida nos meios intelectuais gregos desde o século V. Ptolomeu, no século II a.C., mencionava a existência de duas Chinas: uma que se alcançava por terra, a *Sérica* e outra por mar, a *Sina*. Já no final do tempo da República, teve lugar a primeira tentativa de expansão romana para Oriente, através da empreitada temerária de Licínio Crasso (114-53), um dos triúnviros do tempo com Júlio César e Pompeu, reinava o imperador Xuan (74-49), da dinastia Han, mas a empreitada terminou desastrosamente em Carras, no ano de 53, com a estrondosa derrota de sete legiões pelos Partas, que controlavam toda a região da Anatólia. Parte dos soldados que escaparam com vida, a lendária *legião perdida*, terá continuado uma marcha errática até à China, onde se ofereceram como mercenários. Por esses anos, já a seda chinesa fazia parte do luxo dos privilegiados da República de Roma. Não faltavam discursos moralizantes contra o luxo e a indecência das mulheres que se exibiam com vestidos ligeiros e transparentes. Tudo indica que terão sido esses mesmos partos, cujo território era fortemente cobiçado pelos romanos, os que introduziram no ocidente as mercadorias exóticas em proveniência do extremo oriente, entre elas a seda da China. Eles eram senhores do espaço que fazia a ligação entre o Oriente e o Ocidente, quaisquer que fossem as rotas terrestres ou marítimas. Por isso, tentaram impedir enquanto puderam os contatos diretos entre os ocidentais e a China.

Nos alvares da nossa era, quando a República Romana se transformou em Império, após a morte de Júlio César e a formação do primeiro triunvirato impe-

rial, reinava na China o imperador Yuan (49-33). O comércio entre a China e a República Romana já era algo de notório e considerável, que se expandiu ainda mais com a fulgurante expansão territorial do Império. Vários historiadores dos primeiros tempos do Império, como Plínio o Velho, Plínio o Jovem e Lúcio Aneu Floro, mencionam a ostensível presença em Roma de mercadores orientais. Não seriam necessariamente mercadores chineses, mas alguns dos muitos intermediários que se situavam pela grande rota. Octávio, quando aspirava ao título de Augusto e único imperador, denunciava a paixão de Cleópatra, a rainha do Egito, pela seda, atingindo com isso o prestígio do seu rival Marco António. Nos últimos anos do primeiro século da era cristã, os chineses terão tentado fazer chegar uma embaixada a Roma, mas a comitiva do embaixador Gan Yin (enviada pelo imperador He, da dinastia Han Ocidental) terá sido dissuadida pelos Partas a não se aventurar tão longe. Tudo indica que a primeira embaixada oficial entre o Império Romano e o Império Celeste terá acontecido no ano de 160 d.C.; foi preparada pelo imperador Antonino Pio e concretizou-se com Marco Aurélio (161-180). Reinava então na China o imperador Huandi (dinastia Han Ocidental, 146-168).

Átila (400-453) reinou sobre uma confederação de povos europeus e da Ásia Menor de 434 até à sua morte, durante quase 20 anos. A confederação agrupava tribos seminómadas da Europa do Norte e da Ásia, às quais se juntaram povos germânicos e iranianos que migraram para Sul até à Hungria desde os últimos anos do século IV, na sequência de alterações climáticas. O exército de Átila ameaçou seriamente o Império Romano, que se encontrava já numa fase de acentuada decadência. O grande conquistador avançou ainda mais para ocidente, controlando a Gália até Orléans, o Norte de Itália até Milão e Ravena, toda a Europa central até Constantinopla e ao Mar Negro. O fluxo migratório configurou-se como uma ação militar e política, apoiada por um exército de cavalaria ligeira que atacava com enorme ferocidade; os povos conquistados eram submetidos a pesados tributos, as populações resistentes eram escravizadas. Átila deixou como memória a imagem de um *Flagelo de Deus*, um personagem apocalíptico de uma extrema violência. Novecentos anos mais tarde, ainda a memória do flagelo perdurava nas mentes mais esclarecidas: o poeta Dante colocou Átila no mais profundo do Inferno da *Divina Comédia*. O domínio dos Hunos marcou profundamente a memória dos povos, pelo tremendo impacto de uma cultura que se diferenciava de todas as demais que se vinham construindo por terras da Europa sob a influência do cristianismo. O tirano impiedoso morreu provavelmente vítima de uma pandemia que dizimou o seu exército quando este se concentrava no

norte de Itália. O Papa Leão o Grande encontrara-se pessoalmente com o grande general e a morte de Átila foi considerada como um milagre de Deus. O Império Romano, cristão, estava ferido de morte e não tardaria a ser desmanchado por outros povos cristãos, os bárbaros que tinham feito parte dele como povos conquistados e colonizados. O Império ocidental ruiu em 476, apenas 23 anos após a morte de Átila, com a deposição do último imperador, Rómulo Augusto; ele era filho de um oficial que tinha servido nos exércitos de Átila. Por esses anos, os reis bárbaros como Odoacro, o carrasco do Império, os nobres, os ricos mercadores e as autoridades eclesiásticas da igreja triunfante, paramentavam-se com roupas de seda chinesa.

Quando o Império Romano ruiu, a China estava mais uma vez dividida em dinastias do Norte e do Sul e seria unificada em 581 com o início da dinastia Sui. Uma hipótese que ganha cada vez mais consistência, aponta como causa do desmantelamento do Império Romano as mudanças climáticas que afetaram a Europa a partir do século III da nossa era. A política sustentada pelos primeiros imperadores, de Augusto a Nero, consistiu em criar uma estrutura administrativa sólida, baseada nas leis e na vigilância delas do poder militar, garantindo aos cidadãos do Império o acesso aos bens essenciais. Do Egito às ilhas britânicas e ao Mar Báltico, reinava a *Pax Romana* que, não sendo necessariamente uma paz, era sem dúvida uma ordem. A partir da dinastia dos Flávios, começou a escassez alimentar no espaço europeu colonizado pelo Império, por toda a região desde os Pirenéus até aos Balcãs, escassez essa provocada por más colheitas e sucessivas epidemias que afetaram as populações. Foi então necessário reforçar o domínio do Império por terras menos afetadas pela escassez alimentar, que poderiam fornecer os bens necessários para a sobrevivência da população. Desde o tempo de Trajano, no início do século II, que o Império atingira o máximo da sua extensão territorial. No século III, a ideologia cristã tinha chegado a mais de um terço do espaço controlado pelo Império e, em nome do cristianismo e por ele incitados, apareceram os primeiros sinais de oposição à ordem, pronta e drasticamente contrariados por perseguições às comunidades cristãs. Porém, a dinâmica dos aderentes à nova doutrina superou todos os obstáculos e, no tempo dos coimperadores Constantino (Ocidente) e Licínio (Oriente), o cristianismo foi reconhecido como uma das religiões aceites pelas autoridades imperiais, através de um documento assinado pelos dois no ano de 313 e que seria chamado mais tarde de *Edito de Milão*. No tempo do imperador Teodósio, em 380, pelo *Edito de Tesalónica*, o cristianismo tornou-se a religião oficial de todo o Império. No ano de

391, por ordem do patriarca de Alexandria, a biblioteca da grande metrópole foi incendiada, por possuir livros pagãos. Os Jogos Olímpicos da Antiguidade, com um milénio de história, foram suspensos em 393 por imposição dos poderes cristãos que repudiavam todos os rituais de origem pagã. Menos de um século depois, o Império era invadido pelos povos bárbaros cristãos do Norte e centro da Europa, dizimados pela escassez alimentar e epidemias sucessivas, que atribuíam os tempos difíceis aos castigos de Deus pelos pecados do Império. Foi exatamente neste momento, escassos 50 anos depois do cristianismo ter assumido a gestão cultural do Império, que surgiram as hordas migrantes da Europa do Norte e do Leste e as razias dos cavaleiros de Átila. Eles não eram movidos por nenhuma ideologia religiosa nem nenhum projeto de hegemonia política: eles procuravam espaços mais benignos para escaparem à penúria alimentar e suas consequências aterradoras.

Desconhecem-se as causas da penúria alimentar e das epidemias que dizimaram a Europa a partir do século III. Conhecem-se as causas das catástrofes do século VI: o ano de 536 terá sido o pior de todos os da era cristã para a maior parte da humanidade. Durante 18 meses, nuvens de névoa espessa cobriram a Europa, o Oriente Médio e parte da Ásia, provocando em seguida a década mais fria do tempo da nossa era. Até 547, a Islândia foi sacudida por enormes erupções vulcânicas que lançaram nuvens de poeira sulfurosa na atmosfera. A peste bubónica espalhou-se por toda a Europa a partir de 541 e a paralisia económica durou até 640. Este tempo marcou profundamente a baixa Idade-Média como um período de escuridão e de grande sofrimento.

Até ao século X da nossa era, uma série de outras catástrofes ecológicas de proporções gigantescas marcaram profundamente as populações europeias: as erupções do vulcão finlandês Eyjafjöl em 920 afetaram a Europa, da península Ibérica aos Balcãs. Quando os vulcões da Islândia se acalmaram, a ilha foi colonizada por populações emigradas dos países escandinavos, as mesmas que se estenderam por Terra Nova, Labrador e Gronelândia. Um dos personagens conhecidos da primeira leva de colonos da Islândia terá sido Eric, o Vermelho, um aventureiro que foi o pai de Leif Eriksson, por sua vez o primeiro europeu a penetrar no Golfo do São Lourenço pelo Estreito de Belle Isle e a instalar uma colónia no norte de Terra Nova – o primeiro descobridor do continente americano. Desde o ano 2000 que se comemora oficialmente nos Estados Unidos o Dia de Leif Ericson, a 9 de outubro, por decisão do presidente Bill Clinton, ratificando uma outra decisão do Congresso americano e do presidente Lindon Johnson de

1964. A colónia de Anse aux Meadows, na Terra Nova, durou até ao ano de 1164, quando foi invadida e destruída por indígenas.

Novas erupções fizeram com que a Islândia se desertificasse no final do século X. Um aquecimento significativo do planeta tinha proporcionado a instalação de colónias de povos nórdicos na Islândia, Terra Nova, Labrador e na Groenlândia, a partir do fim do século IX. O período quente desta região do planeta, hoje conhecido como um período de *conforto climático*, permitiu a criação na Groenlândia de uma diocese, a diocese de Grondar, com cerca de 40 paróquias e uma população que rondava os 50.000 habitantes. Os registos paroquiais mostram-nos a atividade agrícola e piscatória da região, quando aquela ilha era verdadeiramente verde. O último registo paroquial data de 1408, o de um casamento, quando a ilha estava praticamente abandonada nela restando apenas os últimos resistentes às adversidades climáticas. Uma brusca queda da temperatura, que se intensificou a partir de 1350, tornava impraticável toda atividade agrícola e nenhum bispo residia mais na diocese, que foi extinta à morte do último bispo (nomeado no mesmo ano da criação da diocese do Funchal, em 1515). Fazia um século que a Groenlândia se tinha desertificado. Desconhecem-se as razões pelas quais o planeta Terra entrou então numa fase glacial acentuada que durou até aos nossos dias, quando, ao que tudo indica, voltamos a entrar de novo num processo irreversível de aquecimento.

Enquanto a Europa cristã do Norte ainda sofria as consequências de condições climáticas adversas, acontecia a primeira tentativa de incursão de comerciantes e de arautos do cristianismo por terras orientais, no século VII, através dos cristãos nestorianos, uma corrente religiosa de pensamento fundada pelo patriarca Nestório de Constantinopla, no século V. Eles alcançaram a Índia e Cathay, onde fundaram comunidades cristãs sólidas quanto baste para resistirem até à chegada, posterior de vários séculos, de outros missionários cristãos. Foi no tempo da primeira dinastia Tang (618-907), quando se operou na China uma prodigiosa reforma agrária, com a expropriação dos latifúndios e com a abertura de centenas de quilómetros de canais de irrigação, tarefa que ocupou mais de um milhão de trabalhadores. Desde então, nunca mais deixou de haver comunidades cristãs na China. Por esses mesmos anos, instalaram-se na China comunidades judaicas, com suas inovadoras transações comerciais. No ano de 732, o bicho-da-seda, trazido da China, era introduzido na península Ibérica. No ano de 851 circulava na Europa um livro intitulado *Descrição de Cathay e da Índia*, da autoria de um viajante muçulmano chamado Suleimane, onde refere a presença no Oriente de

cristãos e de judeus. Os mercadores judeus eram dos mais ousados nas grandes cidades chinesas. Um comerciante judeu chamado Jacob de Ancona, que viajou pela China antes de Marco Polo, entre 1270 e 1273, relatou num livro intitulado *A Cidade da Luz*, o que encontrou por terras da China. Marco Polo chegou à China em 1275 e encontrou comerciantes judeus bem instalados e respeitados na corte de Kublai Khan. O geógrafo muçulmano marroquino Ibn Batuta entrou em 1346 na cidade de Hangzhou, no rio Yangtzé, por uma porta denominada *Porta dos Judeus*. O jesuíta Matteo Ricci ficou espantado com o dinamismo das comunidades judaicas e com a beleza das suas sinagogas, quando alcançou Pequim nos primeiros anos do século XVII.

Entretanto, durante o tempo do conforto climático que durou do século IX ao final do século XIII, a Europa passou da era da escuridão, da penúria e da doença, que marcaram profundamente a mentalidade da baixa Idade-Média, para uma era de riqueza e de esplendor. Nasceu uma nova religião, com a qual o cristianismo se confrontava, o Islão, que conheceu uma prodigiosa expansão a partir da península Arábica e, em menos de um século, ainda no século VIII, se estendia desde a península Ibérica até à Índia, à Malásia e aos arquipélagos do Pacífico. Além de uma religião, foi também uma poderosa rede comercial que controlava o fluxo de mercadorias entre a Europa e o Oriente. Os mercadores eram também os divulgadores da nova religião. Na Europa cristã da nova era de riqueza e de felicidade, cresciam as catedrais góticas, os palácios monumentais, criavam-se frotas marítimas, universidades, acalentavam-se os poetas e os artistas, solidificavam-se as fronteiras de novos reinos e de novos impérios, cuja fama chegou até aos confins do mundo conhecido. Confrontados com a expansão do mundo islâmico, os cristãos lançaram-se em novas iniciativas missionárias para expandir o cristianismo, fundando missões na China no século XIII, onde chegou a haver um padroado e uma diocese que durou um século.

As mercadorias da China chegavam então à Europa regularmente através dos mercadores muçulmanos, que rapidamente superaram as redes comerciais dos judeus. O papa Bonifácio VIII (1294-1303) exibia a seda da China na sua indumentária, impunha-a aos bispos e cardeais, adotava a tiara como símbolo dos poderes absolutos do papa e no emblema papal introduziu as chaves que abriam ou fechavam as portas do paraíso. Eram momentos de euforia do catolicismo, que beneficiava da riqueza provocada pelo conforto climático de uma Europa que brilhava, como brilhavam os vitrais das catedrais góticas, com paredes rasgadas, por onde entrava a luz. Dante colocou também o Papa Bonifácio no Inferno,

enquanto outros pensadores cristãos, como Joaquim de Fiore e São Francisco de Assis, anunciavam uma outra postura e profetizavam um tempo novo para a igreja de Cristo. Eles vestiam-se de burel, os panos dos pobres.

A primeira grande tentativa de expansão de um povo oriental para Ocidente foi a de Gengis Khan, o fundador do império Mongol (1162-1227). Reinou de 1206 até à sua morte. Os seus descendentes partilharam um território que ia da Hungria até à China. Os soldados de Gengis Khan arrasaram Samarcanda, a cidade que servia de pivô a todo o comércio terrestre entre o Oriente e o Ocidente, que não tardou a ser reconstruída. Passadas quatro décadas, um neto de Gengis Khan, Kublai, tornava-se, em 1271, o primeiro imperador da dinastia Yuan, numa China de novo unificada. O Oriente e o Ocidente estavam finalmente em contato, o interesse era mútuo e as condições climáticas e sociais permitiam que tal acontecesse. Os franciscanos criaram missões cristãs na China, nas quais participou um tal frei Lourenço de Portugal, que chegou a ser nomeado embaixador do papa Inocêncio IV junto dos Tártaros e do grande Khan dos Mongóis – estamos em 1245. Mercadores como Marco Polo e Nicolau de Conti empreenderam grandes viagens, multiplicaram-se as publicações sobre a China, algumas delas escritas até por autores que nunca lá estiveram. Em 1294 Jean Corvin faz a tradução de parte da Bíblia para chinês. A primeira tradução da Bíblia para inglês moderno foi feita somente em 1380, por John Wycliffe, um precursor da Reforma.

As viagens de Marco Polo, assim como a presença dos missionários franciscanos na China, situam-se no momento do chamado *grande conforto climático* na Europa, particularmente os séculos XII e XIII, quando o mundo cristão beneficiava de um período de grande produção agrícola e de trocas comerciais, um período de riqueza que permitiu a construção de grandes catedrais, muitas delas ainda de pé e expostas à curiosidade e admiração dos peregrinos do nosso tempo. A maior catedral gótica de França, a última a ser concluída, foi a de Amiens, em 1373. Multiplicaram-se as universidades, tanto as do mundo cristão como as do mundo islâmico. Multiplicaram-se também as tentativas militares para a conquista do mundo muçulmano que controlava todo o comércio entre o Oriente e o Ocidente, formavam-se ordens religiosas e militares, surgiam novos reinos e novas monarquias. Havia dinheiro para pagar todas as fantasias de uma alta Idade-Média completamente diferente do tempo tenebroso do frio, da penúria, das epidemias e da escuridão. Era o advento do mundo moderno.

Em 1326 nascia um novo poder, que duraria até ao século XX (1922), interposto entre o Oriente e o Ocidente, o Império Otomano, que se estenderia do

Mar Báltico até aos confins da antiga Mesopotâmia, do Egito à Ucrânia. Um século mais tarde os turcos otomanos tomariam Constantinopla, pondo um termo ao que restava do Império Romano do Oriente. Em 1346, na batalha de Crécy, quando Eduardo III de Inglaterra infligiu uma pesada derrota aos franceses – era a guerra dos cem anos – utilizaram-se os primeiros canhões. A pólvora era uma invenção chinesa, trazida para a Europa pelos muçulmanos, que a aperfeiçoaram e adaptaram às artes da guerra.

Com o resfriamento do planeta no final do século XIV, houve grandes migrações dos povos nórdicos para terras do Sul, à procura de climas mais benignos. As condições meteorológicas alteradas pelo resfriamento do planeta provocaram epidemias e uma baixa catastrófica da produção agrícola. Entre 1346 e 1349 a peste bubónica matou um terço de toda a população europeia e em Portugal morreu metade da população. As pessoas infetadas ficavam com manchas negras no corpo, daí a denominação de *peste negra*. Para acudir à situação desastrosa da produção agrícola em Portugal, que levou dezenas de anos a se restabelecer, o rei D. Fernando criou a Lei das Sesmarias, distribuindo terras a quem pudesse cultivá-las.

Os povos europeus desenvolveram, a partir da segunda metade do século XIV, as primeiras frotas marítimas oceânicas; marinheiros genoveses, dispondo dos primeiros mapas marítimos, alcançaram a Madeira e os Açores. O primeiro mapa conhecido onde figura o continente asiático é o mapa de Fra Mauro (1385-1459), um monge italiano que nunca viajou. Ter-se-á baseado num mapa que Marco Polo trouxera da China e nas informações fornecidas pelos frades franciscanos, é o que afirma o geógrafo e editor italiano de livros de viagens, Giovanni Battista Ramussio (1485-1557). O mapa foi encomendado pelo rei D. Afonso V e desenhado entre 1457/59. O original perdeu-se, mas salvou-se uma cópia, guardada na Biblioteca Marciana de Veneza.

Tudo mudou com a chegada dos portugueses ao Oriente por via marítima. A grande decisão foi tomada pelo rei D. Manuel nas cortes de 1495, reunidas em Montemor-o-Novo e a frota de Vasco da Gama largou de Lisboa em julho de 1497. Passada uma dúzia de anos após a chegada das primeiras naus portuguesas a Calecute, na Índia, Afonso de Albuquerque precipitou-se a conquistar o porto estratégico de Malaca (1511), o principal entreposto comercial onde os juncos chineses faziam negócio. Depois da empreitada marítima do primeiro quartel do século XV, quando a China se lançou num grande projeto de navegação pelos oceanos Índico e Pacífico (1305-1433), as autoridades chinesas tinham mudado

de política mercantil e voltado a fechar a China sobre ela mesma. O imperador Yongle mudou por esses anos a capital de Nanquim (Nanjing, a cidade do Sul) para Pequim (Beijing, a cidade do Norte). O grande reino do meio do mundo não precisava de nada nem de ninguém. Malaca era o único destino importante dos juncos chineses de comércio e a ação militar de Albuquerque atingia deste modo os interesses da China. Foram precisos quase 50 anos de tentativas, algumas desastrosas, para restabelecer a confiança entre as autoridades chinesas e os representantes do rei de Portugal. Jorge Álvares em 1513, Giovanni da Empoli e Tomé Pires entre 1517 e 1527, Diogo e Amaro Pereira em 1549, vários missionários, entre eles o pioneiro jesuíta Francisco Xavier, que faleceu na ilha de San-chuan em 1552, tentaram, sem sucesso, convencer as autoridades chinesas dos benefícios que os portugueses lhes poderiam trazer. Muitas das tentativas foram operações clandestinas temerárias. Só foi possível despertar o interesse das autoridades chinesas pelas iniciativas dos portugueses a partir de 1554, através de um capitão-mor chamado Leonel de Sousa, pioneiro do tratado que, em 1557, permitia o arrendamento de um espaço no delta do Rio das Pérolas, no reinado do imperador Jiajing, 12.º da dinastia Ming. Foi então que se iniciou a presença portuguesa na China, em Macau.

Depois da chegada das naus portuguesas aos principais portos do Índico e do Pacífico, da Índia ao Japão, as rotas das caravanas, cujo destino final eram a Europa, começaram a ser substituídas pelas rotas marítimas, mais rápidas, mais seguras e mais baratas. O principal objetivo da “cruzada” portuguesa, no que consistia em atingir e enfraquecer o poder comercial islâmico, foi alcançado, já que, ao longo das rotas que ligavam a China ao ocidente, interferiam muitos sultanos islâmicos cobrando direitos e impostos. Os mercadores muçulmanos eram os mais numerosos, desde a origem até ao destino. A Terra Santa nunca chegou a ser conquistada e, quando os portugueses estavam solidamente instalados em meia centena de praças e portos orientais, Solimão o Magnífico (1494-1566), o Grão-Turco do império Otomano, reconstruía a cidade de Jerusalém, para nela albergar judeus e muçulmanos expulsos dos reinos cristãos. O império Otomano tinha alcançado o apogeu do seu poder político, militar e económico; foi o último dos grandes impérios, que começou a desintegrar-se após a morte de Solimão. A grande utopia mística da nação portuguesa, que comandara toda a energia necessária para alcançar o Oriente, desvaneceu-se também, para dar lugar a todas as ambições da riqueza e às miragens da fortuna. A partir de então, a Europa tomava

uma outra configuração. Não seriam os portugueses os artesãos da nova fisionomia política e económica da Europa, mas eles foram os pioneiros da mudança.

As rotas da seda, símbolo da importância da China no intercâmbio comercial e cultural do planeta, variaram ao longo do tempo, ao sabor das caravanas e das expedições marítimas. O percurso terrestre entre a China e a Europa era longo e muitos poderes se interpuseram pelo caminho, ao longo dos séculos. Este pedaço do planeta foi um verdadeiro viveiro de civilizações e de outros tantos impérios: sumérios, assírios, babilónicos, persas, partas. Foram territórios e povos cobiçados pelos gregos de Alexandre, pelos romanos da República no tempo de Júlio César e de Licínio Crasso, pelos do Império no tempo de Trajano. Os hunos de Átila lá chegaram, os mongóis de Gengis Khan por lá transitaram, enfim o império dos otomanos lá se instalou e fincou suas raízes. A rota marítima iniciada pelos portugueses contornava este espaço e evitava confrontos inúteis. A maior novidade decorrente do grande esforço da coroa portuguesa no apoio às descobertas marítimas foi a certeza de que, através dos oceanos, era possível contactar e interagir com todos os povos do planeta.

## Referências bibliográficas

- Albuquerque, L. (Dir.) (1994). *Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses* (2 vols). Lisboa: Caminho.
- Albuquerque, L. (Dir.) (1989). *Portugal no Mundo* (6 vols). Lisboa: Alfa.
- Aubin, J. (1996/2000). *Le Latin et l'Astrolabe*. Paris: F. C. Gulbenkian.
- Austin, A. (2007). *China's Millions: The China Inland Mission and Late Qing Society*. Michigan: Grand Rapids.
- Barros, J. (1973/1975). *Ásia. Dos feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente* (Décadas da Ásia). Lisboa: Ed. Livraria S. Carlos.
- Bouchon, G. (2000). *Afonso de Albuquerque. O leão dos mares da Ásia*. Lisboa: Quetzal.
- Boxer, Ch. R. (1989). *A Igreja e a Expansão Ibérica*. Lisboa: Ed. 70.
- Bozoky, E. (2012). *Atila et les Huns: Vérités et légendes*. Paris: Perrin.
- Cooper, M. (1994). *Rodrigues, o Intérprete. Um Jesuíta no Japão e na China*. Lisboa: Quetzal.
- Cortesão, A. (1978). *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Cortesão, J. (1993). *História da expansão portuguesa*. Lisboa: INCM.
- Couto, D. (1973/1975). *Ásia. Dos feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente* (Décadas da Ásia). Lisboa: Ed. Livraria São Carlos.
- Crowley, R. (2016). *Conquistadores. Como Portugal Criou o Primeiro Império Global*. Lisboa: Presença.

- Curry, J. A. (2019). *Alterações Climáticas. O que sabemos. O que não sabemos*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Dehergne, J. S. J. (1973). *Répertoire des Jésuites de Chine de 1552 a 1800*. Roma: Institutum Historicum, SI.
- Deschodt, E. (2006). *Attila*. Paris: Gallimard.
- Gareth, C. S. (2008). *The Defeat of Rome: Crassus, Carrhae & the Invasion of Cthe East*. London: Pen & Sword Books.
- Gaspar da Cruz, Fr. (2010). *Tratado das Coisas da China*. Lisboa: Cotovia.
- Heather, P. (2010). *Empires and Barbarians; the Fall of Rome and the Bitrth of Europe*. Oxford: University Press.
- Ping, J. G., & Zhiliang, W. (2007). *Revisitar os Primórdios de Macau: Para uma Nova Abordagem da História*. Macau / Lisboa: Instituto Português do Oriente/Fundação Oriente.
- LeGlay, M. (2001). *Grandeza y Decadência de la República Romana*. Madrid: Cátedra.
- Loureiro, R. M. (2000). *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*. Lisboa: Fundação Oriente.
- Peixoto de Araújo, H. (2000). *Os Jesuítas no Império da China – O Primeiro Século (1582-1680)*. Macau: Instituto Português do Oriente.
- Silva Rego, A. (1947/1958). *Documentação para a história das missões do Padroado Português do Oriente (Índia)* (12 vols). Lisboa: Agência Geral das Colónias.
- Somerville, A., & McDonald, A. R. (2010). *The Viking Age: A Reader*. Toronto: University Press.
- Subrahmayam, S. (1995). *O Império Asiático Português, 1500-1700. Uma História Política e Económica*. Lisboa: Difel.
- Trindade, frei P. (1962). *Conquista Espiritual do Oriente*. Lisboa: Centro de Estudos Ultramarinos.
- Vicente, L. R. X. (2004). As Relações Politico-Religiosas entre o Império Mongol e a Europa Ocidental em meados do Século XIII: Missionários Franciscanos no Oriente. *Revista Vernáculo*, 11, 12 e 13.
- Wilson, E. O. (2019). *Biodiversity and Climate Change: Transforming the Biosphere*. Yale: Yale University Press.